

INSTALAR, LIGAR, APOSTAR

Gabriela Urriolagoitia - NELcf La Paz

Um dos questionamentos que me faz ensinar na universidade é como recolher as transferências que se produzem. Dou duas matérias com conteúdo psicanalítico no meio da carreira e depois não vejo mais os alunos. É-me dada a oportunidade de contactar quatro alunos já licenciados e proponho-lhes que façam um estágio na Ala de Psiquiatria do Hospital de Clínicas, na sequência de uma transferência com um psiquiatra. A proposta é trabalhar em grupo a supervisão de sua prática: cada encontro um apresenta um caso que se supervisiona e logo conversamos todos.

Transmitir a psicanálise na universidade, está sempre atravessado pelo impasse de receber os alunos com um forte preconceito contra a psicanálise (obsoleto, pseudociência, longo). Fazer passar que a psicanálise tem algo a dizer sobre a época e que pode abordar problemáticas subjetivas atuais, é tudo um desafio. Convocada a pensar o jovem, advirto que os jovens de hoje estão tomados por uma deriva de múltiplas ofertas de formação, marcados com o S1 da eficácia: assistir a todos os espaços de formação que sejam eficazes nos resultados e capacitar-se em "tudo" o que possam. Com esta ideia, este grupo de jovens aceita a minha proposta, enquanto supervisionam com outro professor de Psicologia Clínica Cognitiva. Têm a ideia de que há casos que são para supervisionar comigo e abordá-los desde a psicanálise (psicose) e que há casos que são para serem atendidos desde o cognitivo e supervisioná-los com ele (neurose). A minha resposta a isso é não dizer nada.

Nas supervisões tento destacar o singular do caso e o que convém, mostrando um contraponto com alguma intervenção condutiva ou corretiva que comentem eles. Tem o efeito de detetar efeitos significativos nos pacientes desde que intervieram assim. Contingentemente um traz um caso de neurose que leio desde a transferência e a posição do analista. Sua surpresa será "Desde a psicanálise também se pode intervir nas neuroses". O efeito deste espaço de supervisão é a valorização da prática a partir de mostrar a lógica da intervenção sob transferência, dando lugar ao fator (a)¹ onde se desliza o singular do sujeito que é incomensurável. Estes efeitos podem ser constatados:

- Os psiquiatras começaram a encaminhar muitos casos
 - Os pacientes passaram a voz e queriam ser atendidos por eles
 - A Carreira de Psicologia faz um convênio formal com o hospital para estagiários.
- Proponho-me como docente encarregada de supervisionar esse espaço e aceitam.

Esta experiência evoca para mim a Miller quando diz "a psicanálise com sua voz baixinha" tratando de infiltrar o discurso analítico através dos interstícios. A aposta é prender o desejo: o grupo de jovens começou a frequentar um espaço de formação na Escola.

¹ Miller, J.-A., "Cuestión de Escuela: Acerca de la garantía", Factor a, Revista de Acción Lacaniana de la NELcf, Vol. 1, <https://revistafactora.org/revista/revista-ano1-nro1/>

Tradução: Carolina Vignoli.,